



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Programa de Pós-graduação Educação: Currículo  
Revista E-Curriculum ISSN: 1809-3876  
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>

**A trajetória de um grupo de pesquisa no Programa de Pós-graduação em  
Educação: Currículo**

**The trajectory of a research group in Post-graduate  
Program in Education: Curriculum**

**ABRAMOWICZ, Mere**

mabramowicz@uol.com.br

**STANO, Rita de Cássia M. T.**

ritastano@gmail.com

**RESUMO**

O presente artigo apresenta a trajetória do grupo de pesquisa coordenado pela professora Dra. Mere Abramowicz, no contexto do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em seus quatro anos de existência, o grupo tem agregado mestrandos, doutorandos e doutores egressos do programa em torno de investigações



Revista E-Curriculum, São Paulo, v. X, n. X, MÊS X.  
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>

relacionadas ao currículo, políticas públicas e avaliação. Mais do que um grupo de pesquisadores em torno de uma investigação, a identidade deste constrói-se através do trabalho coletivo, do diálogo, de uma atitude de interrogação diante da realidade educacional brasileira. Ou, mais ainda, a identidade deste grupo define-se pelo acolhimento dos novos participantes que chegam a cada ano ou semestre, cada qual com sua própria formação e experiência, e pelos vínculos afetivos que se criam e se fortalecem a cada encontro. É dessa trajetória de construção cognitiva e afetiva, permeada pelo prazer de estar junto, que trata o depoimento da doutora em Educação: Currículo, Rita de Cássia M. T. Stano, integrante do grupo desde sua formação, reproduzido integralmente neste artigo.

**Palavras-chave:** Grupos de Pesquisa; Políticas Públicas de Currículo; Reforma; Avaliação; Educação Superior.

## **ABSTRACT**

This paper shows the way of a research group followed by Dr Mere Abramowicz professor in the post graduation program in education: curriculum, PUC-SP. In four years of living the group has gathered master's doctors and PhD coming out from the program around investigations related to curriculum public policies and evaluation. More than a researcher group around the investigation their identity is built through a collective work, dialog, questions facing the reality of Brazilian education. Besides the identity of this group is defined by the welcome of new participants who arrive each year or semester, each one with its own experience and education and they get stronger by the emotional links each meeting. It is from this cognitive and affective way full of pleasure of being together that is the statement of the doctor in Education: Curriculum, Rita de Cássia M. T. Stano, member of the former group, and completely reproduced in this paper.

**Key-words:** curriculum public policies – evaluation – education – research group



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o percurso de trabalho do grupo de pesquisa coordenado pela professora Doutora Mere Abramowicz, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Trata-se de um grupo de pesquisa formado por mestrandos, doutorandos e doutores egressos do programa, que se reúne, desde o final de 2002, com o intuito de investigar questões ligadas à educação: currículo, avaliação e políticas públicas.

Participar deste grupo de pesquisas representa, para todos os seus integrantes, uma oportunidade não apenas de realizar uma pesquisa coletivamente, mas de aprender a fazer pesquisa ou aprofundar-se em seus procedimentos. Cabe aqui destacar que a temática do grupo independe dos problemas de pesquisa individuais dos mestrandos ou doutorandos. Entretanto, o diálogo entre as temáticas individuais e a do grupo é enriquecedor para ambas as partes, já que elas giram, indiscutivelmente, em torno do Currículo.

Ao longo de seus quatro anos de existência, já fizeram parte do grupo trinta integrantes. Portanto, trinta pesquisas individuais foram desenvolvidas simultaneamente às pesquisas do grupo. A média do grupo é de dezesseis participantes. A cada ano (e mais recentemente a cada semestre), o grupo recebe novos integrantes, recém-chegados ao Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo e outros, após suas defesas de mestrado ou doutorado, acabam se desligando. Como é característico do programa, muitos mestrandos ou doutorandos residem fora de São Paulo: em outros municípios paulistas e mesmo em outros estados brasileiros. Essa é a principal razão que os leva a se desligarem do grupo. Entretanto, temos integrantes que se deslocam centenas de quilômetros, mensalmente, exclusivamente para participar das reuniões e outros que, apesar de distantes, continuam em contato com o grupo e enviam suas contribuições sempre que necessário.

O trabalho do grupo apóia-se numa metodologia participativa e dialógica. Assim, enquanto o grupo se constitui, a cada encontro, como grupo de pesquisa, cada um dos integrantes



constrói sua própria identidade de pesquisador. Todas as etapas das pesquisas se definem durante os encontros presenciais do grupo, que ocorrem mensalmente, e desdobram-se em ações individuais ou de subgrupos, muitas vezes de forma virtual (através de e-mail ou do “blog” do grupo, que apresentaremos adiante), entre um encontro e outro. Isso quer dizer que tanto as temáticas quanto os procedimentos de pesquisa emergem do próprio fazer do grupo. E é esse exercício de definir um problema de pesquisa coletivamente, construir os procedimentos e instrumentos, recolher, organizar e analisar dados e elaborar relatórios, que constitui a riqueza do trabalho de pesquisa coletivo.

As temáticas que foram objeto de estudo até aqui revelam a sensibilidade do grupo em relação às questões emergentes em educação, que merecem e precisam ser investigadas, com o intuito de cumprir o papel da universidade de construir um conhecimento crítico, que garanta a problematização da realidade, interrogando-a constantemente e apresentando proposições criativas, que de fato, possam contribuir com a melhoria da qualidade da educação brasileira.

A primeira pesquisa realizada pelo grupo, “*Análise crítica das políticas públicas de avaliação: a voz dos gestores*”, contemplou a temática das políticas públicas de avaliação do ensino superior, analisadas criticamente a partir das percepções dos gestores. Privilegiando uma metodologia participativa, a pesquisa buscou dialogar com Instituições de Ensino Superior variadas, desvelando a compreensão e os processos de implementação das políticas públicas, sua materialização no cotidiano das instituições e interferências na vida dos sujeitos que integram tais comunidades.

Participaram da pesquisa dezoito gestores, de onze instituições: diretores e diretoras de Centros, Chefes de Departamento, Coordenadores de Curso e/ou representantes da direção, presidentes das comissões de avaliação e, no caso de Universidades, representantes da Pró-reitoria de Ensino Acadêmico.

Os dados colhidos através das respostas dos gestores indicam a participação das instituições predominantemente nos processos de avaliação que lhes eram obrigatórios, como a Avaliação das Condições de Oferta e o Exame Nacional de Cursos (Provão), em detrimento daquele que poderia representar um investimento num processo de autoconhecimento da instituição, porém não obrigatório (PAIUB). Desta última participavam apenas as instituições públicas entrevistadas.



A atuação das instituições dirigiu-se preferencialmente para o atendimento das exigências, sobretudo daquelas provenientes da “Avaliação das condições de oferta”. Investiram em instalações e em equipamentos, bem como em equipes especializadas que atuassem nos processos de autorização e reconhecimento. Dessa forma, as instituições privilegiaram medidas que promovessem sua preservação e crescimento.

Os gestores entrevistados mostraram-se unânimes ao reconhecer a importância das políticas de avaliação então em vigor, porém destacaram sua preocupação com a uniformidade do processo, que não atenderia à diversidade de realidades do ensino superior brasileiro.

Como as avaliações externas incidiam preferencialmente sobre os produtos e resultados, os processos de reordenação do cotidiano institucional mostram-se superficiais, afetando apenas periféricamente suas práticas. Por outro lado, as decisões mostram-se fragmentadas, sem integrar verdadeiramente os diferentes sujeitos em torno de um novo projeto educativo.

A pesquisa mais recente, recém-concluída, voltou-se para a *Avaliação dos cenários das instituições de ensino superior a partir da proposta de Reforma Universitária*. O grupo analisou como foram contempladas, nas diferentes versões do Anteprojeto, questões como autonomia universitária, financiamento, avaliação, qualidade, responsabilidade social. Recolheu ainda manifestações de diferentes instituições através de entrevistas com seus gestores, acompanhou artigos publicados na imprensa geral e especializada e retomou, por meio da pesquisa bibliográfica, as bases teóricas sobre currículo, ensino superior e políticas públicas.

A pesquisa abrangeu treze instituições, entre faculdades, centros universitários e universidades, públicas e privadas, em São Paulo e Minas Gerais.

O instrumento de coleta de informações abordou temas como o acompanhamento feito pelas instituições das discussões a respeito da Reforma Universitária, antes da aprovação de sua versão definitiva, e recolheu considerações dos entrevistados sobre seus impactos em relação à autonomia, às políticas afirmativas, à responsabilidade social, qualidade da educação, financiamento, dentre outros pontos. Questionou ainda as instituições quanto à forma como estão se preparando para enfrentar tais impactos.

As duas pesquisas aqui citadas emergem da compreensão de que o atual cenário político-educacional brasileiro e mundial demanda uma análise crítica e rigorosa de como são produzidas



as políticas públicas, suas finalidades, seus impactos em gestões educacionais e/ou no cotidiano das instituições educativas, entre outros questionamentos.

A partir das conclusões obtidas nas pesquisas anteriores, o grupo se debruçará agora sobre os desdobramentos das políticas públicas em vigor, mais especificamente no que diz respeito à avaliação da educação superior (SINAES). Considerando-se a rapidez com que as políticas públicas têm sido substituídas em nosso cenário educacional e a recente implantação do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), as pesquisas já realizadas constituem-se, ao mesmo tempo, em um flagrante de um momento historicamente situado e em uma provocação para continuar a pesquisar, de modo especial, as etapas iniciais de implantação dessas novas políticas.

Ao contrário do abandono a que se poderia relegar o estudo das políticas públicas já superadas, a recuperação e o aprofundamento das análises nos permitirão identificar rupturas e continuidades em relação às novas políticas. Conseqüentemente, será possível estudar os movimentos a que são submetidas as Instituições de Ensino Superior e as diferentes estratégias que desenvolvem para se apropriar das propostas de avaliação e lidar com a complexidade e as ambigüidades que elas envolvem.

Vemos, a partir desses exemplos, como se definem os temas de pesquisa do grupo e a abrangência das análises realizadas.

Os exemplos anteriores evidenciam ainda o trabalho coletivo que se desenvolve no grupo de pesquisa, marcado pela seriedade, criticidade e por sua intenção formativa. Porém, não é possível deixar de destacar que a convivência do grupo permite igualmente que se fortaleçam os laços afetivos entre seus integrantes.

É dessa trajetória singular de construção cognitiva e afetiva, permeada pelo prazer de estar junto, que trata o depoimento da doutora em Educação: Currículo Rita de Cássia M. T. Stano, intitulado “*A coreografia de um grupo de pesquisa: Estudo em movimento*” e reproduzido integralmente a seguir.



## **A coreografia de um grupo de pesquisa: Estudo em movimento**

STANO, Rita de Cássia M. T.

*As pessoas não deixam de dizer que é belo ter certezas.  
Parecem ter esquecido completamente a beleza mais sutil da dúvida.  
Crer é bastante medíocre. Duvidar é muito mais absorvente.  
Permanecer vigilante, é viver; ser acalentado pela certeza é morrer.*

Oscar Wilde, **O Retrato de Dorian Grey**

### **1 INTRODUÇÃO**

A constituição de um grupo de pesquisadores pode-se incluir no rol do que se denomina um “acontecimento”. Acontecimento no sentido de causar uma ruptura (PEREIRA, 1998), em que os sujeitos são uma processualidade, uma figura existencial praticada e provisória, um desfazer-se e refazer-se contínuo. Estar-sendo-em-grupo é o processo de atualização de forças-fluxo em formações singulares e datadas, temporal e pode provocar uma nova subjetivação ou produzir novos sujeitos.

A experiência de uma construção de pesquisa através de uma coreografia de grupo resulta um processo singular enquanto movimento de pesquisa. Há necessidade de capturar essa singularidade a fim de melhor compreender o percurso diferenciado de se realizar pesquisa num espaço de compartilhamento onde os diversos estilos de leitura, de produção de texto, de interpretação de fatos precisam ser negociados, ajustados, às vezes com renúncias e outras vezes, com a satisfação da aceitação do outro.

Há necessidade deste relato e desta análise para se “buscar a essência no discurso, na conversa, no diálogo construídos socialmente como formas de se reelaborar o vivido, pensando-o, elevando-o à categoria do possível”. (STANO, 2005, p.35)

Trata-se de um grupo de pesquisadores e pesquisadoras, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Currículo da PUC/SP. Um grupo que nasceu pelos seus sujeitos terem em comum a Orientação da Professora Mere Abramowicz. Sujeitos-pesquisadores de Mestrado e Doutorado, outros já Mestres ou já Doutores ávidos para minimizar a sensação de solidão na produção acadêmica, para acalentar, com o outro, as angústias e as incertezas. Pessoas com seus próprios



“problemas de pesquisa” em busca de um “problema em comum”. Grupo que, no decorrer de 2002 a 2006 vem formando uma coreografia única que capturada neste texto, ressoa um certo ineditismo.

## 2 A CONFIGURAÇÃO DO GRUPO

Um espaço de aprendizagem é lugar de encontro de desejos. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2002, a vontade do encontro para indagação permanente provocou a formação de um grupo. Todo grupo, para formar, prescinde de um sujeito catalisador do desejo. E esse sujeito permitiu que se coincidissem os interesses, se revelassem as interseções, se negociassem tempos e espaços para o encontro. Através, pois da mediação de grande pesquisadora, mestre eterna de seus orientandos, provocou a evidência da possibilidade. E, num primeiro encontro, Targélia Albuquerque, Marcos Lara, Heldina Souza, Célia Teixeira, Helena Gomes, Gilcia Bezerra e Hilda Braga juntaram suas vozes à voz de Mere para combinar a coreografia, sua finalidade, seus rumos.

Aos poucos, a intenção foi tomando forma e o que parecia confuso e sem rosto, mostrou-se fecundo e ávido de um tempo e espaço próprio. Segundo Motta (1986, p.124)

Os indivíduos possuem objetivos e expectativas que desejam alcançar e agem intencionalmente, de acordo com suas percepções da realidade. [...] As intenções dependem das crenças e atitudes que definem a maneira de um indivíduo ver o mundo, ou seja, suas percepções.

Em princípio, a idéia era de um trabalho a ser desenvolvido apenas pelos atuais mestrandos e doutorandos da Coordenadora e principal pesquisadora da equipe.

Grupos de pesquisa caracterizam-se, em geral pela rigidez hierárquica e com centralização de decisões e poder em torno do pesquisador principal. No entanto, a hierarquia e centralização de decisões não são a tônica deste grupo. Em toda reunião, em cada encontro as discussões se



efetua e cada membro torna-se protagonista de um processo de pensar coletivo em que os sujeitos precisam se fazer presentes.

À medida que os desejos de saber e de fazer através da pesquisa iam se delineando em objetivos e objetos de estudo, o grupo apontou para a possibilidade de abrir espaço para a participação de ex-orientandos e orientandas. Esta resolução aponta uma característica que marcará toda a coreografia deste grupo, generosidade. Generosidade em termos de compreender as impossibilidades de alguns, generosidade para aceitar o ritmo e o tempo de cada um em seu trabalho de produção. Há a generosidade que se instalou em 2002 e que percorre os anos todos (até este ano de 2006), acolhendo novos integrantes, desafiando o contexto de cada um, resguardando na memória as ausências e fazendo-as permanentemente presentes.

A acolhida aos novos integrantes provoca um redirecionamento da pesquisa, ampliando seu campo de investigação, pois os integrantes representam várias regiões do País. Assim, há sotaques paulistas, mineiros, sotaques do sul. Há, por isso, encontros permeados por docinhos e guloseimas também advindos das diversas culturas culinárias que perfazem a cozinha brasileira. E há, neste compartilhar de modos de vida, o compartilhamento de sentimentos, de impressões, de incertezas e de perplexidades. Nesta coreografia do encontro, socializam-se, mensalmente as notícias veiculadas pelos diversos meios de comunicação acerca do cenário educacional. Trocam-se, também, experiências em congressos, avaliam-se eventos científicos e informações de outros eventos que sejam interessantes para o grupo. Há generosidade também neste processo de compartilhamento.

Interessante destacar que nesta coreografia, houve o afastamento de uma pesquisadora devido à gravidez. E, ao se distanciar para receber uma nova vida, o espaço se manteve preenchido através da criação, por esta pesquisadora, de um blog na Internet, como lugar de registro de toda a produção do grupo de pesquisa. É o protagonismo de cada um fortalecendo a produção coletiva, a legitimidade dos processos de produção, através de uma outra lógica do saber-fazer científico.



### 3 OS PASSOS DA PRODUÇÃO COLETIVA

Segundo Oliveira (1986), a pesquisa em grupo na Universidade apresenta-se como: agregação, linhas de pesquisa e atividades interdisciplinares. Como agregação, as pesquisas e os temas não têm interdependência, “qualquer semelhança, não passa de mera coincidência”. É uma saída organizacional para atender aos órgãos de financiamento. No segundo, diz Oliveira (1986, p.43): “só muito raramente as linhas de pesquisa” correspondem a uma real interação intelectual entre os membros de um mesmo departamento. Na terceira forma de integração, reúnem-se interesses em torno de um problema ou de uma metodologia e estes favoreceriam a integração entre pesquisadores de diferentes disciplinas. Para o autor, há uma relativa escassez desses grupos pela sua vulnerabilidade frente aos interesses específicos das agências de fomento.

No entanto, é nessa terceira modalidade que surge este grupo de pesquisa, em torno de um tema comum, congregando pesquisadores envolvidos em seus próprios temas de pesquisa individual e com formações específicas. Além de formações específicas, há diversidade de práticas e fazeres educacionais, permitindo articulação entre territórios institucionais, conceituais e metodológicos.

Este arranjo permite que a pesquisa assuma contornos outros que não correspondem à tradicional trajetória epistemológica da ciência clássica, assumida pelas Humanas. Há, no processo, pela singularidade do grupo, um movimento que subverte a ordem da pesquisa tradicional, baseada em elaboração de hipóteses, teorias e pesquisa de campo para refutar ou comprovar as hipóteses. O movimento deste grupo ocorre através das leituras que cada pesquisador faz do objeto em questão, recuando ou avançando nas incertezas e certezas dos caminhos percorridos, numa outra lógica de percurso epistemológico. Um percurso que não se prende em modelos, mas assume os contornos territoriais de cada pesquisador, pois. "Para viver na fronteira é preciso inventar tudo, inclusive o ato de inventar-se" (SANTOS, 1995, p.153).

Assim, o grupo iniciou os trabalhos a partir de um interesse em comum, ou seja, levantar e capturar a Voz dos Gestores acerca das Políticas Públicas de Avaliação. A finalidade era aproveitar a variedade de universos acadêmicos em que os pesquisadores atuavam. Desta forma, a amostragem seria rica e suficiente. Embasados num texto produzido coletivamente sobre a questão, o grupo construiu um instrumento para efetuar as entrevistas e, no surgimento de



talentos individuais, essas entrevistas efetuadas foram sendo organizadas e as vozes se entrelaçaram às vozes de cada um do grupo. Deste contorno, produziu-se um quadro que retratava o resultado das entrevistas. Deste quadro fez-se uma leitura de múltiplos olhares, em que se ajustava, a cada versão às singularidades das escritas de cada pesquisador.

Como resultante das análises, o grupo modificou sua coreografia, impingindo novos passos em função de um desafio posto pelos dados coletados. Assim, as vozes dos gestores em relação às políticas públicas de avaliação apontaram a necessidade de investigar a forma como as discussões da Reforma Universitária (2005) estavam acontecendo nas diversas instituições de ensino superior. Novamente, instrumentos são elaborados, arestas são cuidadas e o grupo parte, cada um, para seu nicho profissional em busca de respostas.

Nos retornos via correio eletrônico, novamente o delineamento de um quadro a fim de se organizar os dados coletados. Encontros feitos, mostrando recorrências, esperando novos “acontecimentos” em relação à reforma universitária. Diferenças identificadas entre postura de Universidades Públicas e Universidades Privadas alimentaram outras discussões, algumas buscas de significado. À teoria cabia alimentar, explicitar, organizar as incertezas, permitindo um forro conceitual para o alicerce dos objetivos da pesquisa.

Pelo esgotamento da questão e dos dados e em função de que o tempo da reforma universitária não estava em sintonia com o tempo da pesquisa, o grupo, num movimento outro, percebe que a retomada às Políticas Públicas de Avaliação, após o diálogo já empreendido com os gestores das Instituições de Ensino Superior, tornava-se mister para que o grupo buscasse os sentidos ainda não encontrados. Sentidos outros trazidos pela política do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES e pela implantação das Comissões Próprias de Avaliação – CPA nas Instituições desde 2004. Pois não há um sentido, há vários deles, que vão se alterando ao longo da vida de uma pessoa ou de uma Instituição, na medida em que estas também mudam.

Importante ressaltar que há um pensar individual e solitário entre uma reunião e outra e, no encontro, há o momento de se compartilhar os pensares e estes tomam a forma coletiva que coincidem ou que no embate, tornam-se mola-propulsora para a reinvenção permanente do grupo. "O homem pergunta pelo sentido de ser porque este vai embora".(CRITELLI, 1996, p. 21).



#### 4 A COREOGRAFIA EM PROCESSO

"O destino não é o ponto de chegada, é o caminho e\_ sobretudo\_ a qualidade do caminho. A capacidade de mutação é a capacidade de traçar um caminho, de conduzir, de estabelecer comunicação”.

PEN-VEJA, 1999, p.192

É neste sentido que o grupo caminha e traça seus passos. Assumindo os riscos e aprendendo a se reconfigurar com novos integrantes e com a ausência presente de outros que seguem outros caminhos. Há nesse percurso o desejo de sempre se poder ter uma coreografia nova para manter o movimento do grupo.

A experiência de pesquisa coletiva aponta para a pesquisa que assume um ritmo ora mais lento e ora mais rápido, em função das habilidades e disponibilidades de cada um. O trabalho coletivo de pesquisa exige um aprendizado de saber-fazer com o outro. Através deste aprendizado, cada sujeito se protagoniza na construção/desconstrução da pesquisa impingindo a sua voz e sua singularidade numa obra coletiva. Uma cumplicidade acadêmica porque aberta às diferenças conceituais, porque processo de negociação permanente entre dos diversos olhares dos sujeitos, marcada pelo exercício da dialogicidade.

Um outro modo de fazer pesquisa. Modo este que se configura como desafio permanente de ajustes, lugares teóricos que precisam ser revistos, práticas que substanciam o pensar coletivo. Por este prisma, realizar pesquisa em grupo caracteriza a ação investigativa no que esta apresenta de mais sedutor, ou seja, a sua provisoriedade e, por isso, o seu inacabamento e seu potencial ímpar para um novo modo de fazer pesquisa. Modo este que estará sempre em construção num grupo que funciona como um sistema de participação.

“As pessoas têm que se sentir efetivamente participando, aprendendo a participar e, para tal, compreendendo a realidade onde estão, a fim de que passem do sentir para o compreender e agir.” (ABRAMOWICZ, 1990, p.38). Assim, observa-se que o trabalho no grupo de pesquisa é um exercício que se realiza através de um processo crescente de participação coletiva, em que não existe o ato isolado numa atribuição social de função institucional.



Segundo Pedro Demo (1988), por ser uma ação processual, permite a constante reinserção da reflexão no refazer do grupo e das individualidades. E, avalia-se, justamente para decidir, re-fazer percursos e trajetórias. Como tal precisa ser um trabalho efetuado coletivamente, pelo exercício participativo da reflexão e do diálogo.

Por isso que as trocas acontecem nesse espaço dialógico, tendo como foco mais o processo do que no resultado final da pesquisa. Aprendem os que falam (e se escutam e, por isso, se percebem e se conscientizam) e os que escutam (e também falam e também se escutam em suas falas). Pois, "(...) o que efetiva uma existência, mais que o silêncio, é a possibilidade que se tem de falar sobre ela"(FREITAS, 1999, p.63). Mais que efetuar a pesquisa tendo em vista um retorno direto nas práticas e no cotidiano desses sujeitos, é realizar uma caminhada de aprendizagens, onde são todos alunos e professores. E assim, aprende-se a fazer pesquisa, inquirir a realidade educacional a partir de uma coreografia que não se esgota e não encerra em si mesma, pois assume os contornos do entrelaçamento entre sujeitos da pesquisa e objeto de estudo.

### *Notas*

1. Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Mere Abramowicz.

Pesquisadores:

Doutoras: Hilda Maria C. B. Braga, Lúcia Helena Andrade Gomes, Rita de Cássia M. T. Stano, Targélia F. B. S. Albuquerque e Yara Pires Gonçalves.

Doutorandos: Antonio Carlos de Souza, Camila Lima Coimbra, Gilcia Maria Salomon Bezerra, Helena Maria dos Santos Felício, Ilisabeth P. Kramer, Laurindo Cisotto, Lourdes Fátima P. Possani, Marcos Rodrigues de Lara, Maria Isabel A. S. Moniz, Maria Lúcia Salgado Cordeiro dos Santos, Marilde Queiroz Guedes, Patrícia Peres de Oliveira.

Mestrandos: Antonella Bianchi Ferreira, Carlos Gomes, Fábio Alves dos Santos Pereira, Mônica Ferreira de Araújo.



## REFÊRENCIAS

ABRAMOWICZ, Mere. **Avaliação de aprendizagem com trabalhadores - estudantes de uma faculdade particular noturna** - O processo em busca de um caminho. Tese de doutorado. São Paulo, PUC, 1990.

CRITELLI, Dulce, Mara. **Analítica do sentido: uma apresentação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.

FREITAS, Cláudia Rodrigues de. Subjetividade, poder e diferença: marcas de mulheres-professoras em escola especial. In: **Revista Ciências Humanas**, Florianópolis: Edição Especial Temática, p.61-85, 1999.

MOTTA, Paulo Roberto. Todo mundo se julga vitorioso, inclusive você: a motivação e o dirigente. **Revista de Administração Pública**. jan. / mar. 1986, 20 (1): 117 – 29.

OLIVEIRA, J. B.A. A organização da universidade para a pesquisa. In: SCHWARTZMAN, S., MOURA e CASTRO, C. (Orgs). **Pesquisa universitária em questão**. São Paulo: Icone, 1986. p.53-80.

PEN-VEJA, Alfredo e NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (orgs). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamod,1999.

PEREIRA, Marcos Vilela. **Professoralidade: a estética do professor**. Tese de doutorado. São Paulo, PUC, 1998.

STANO, Rita de Cássia M. T. **Ser professor no tempo do envelhecimento: professoralidade em cena**. São Paulo: Educ, 2005.

**Artigo recebido em 18/12/2006**

**Aceito para publicação em 11/03/2007**



**Para citar este trabalho:**

ABRAMOWICZ, Mere; STANO, Rita de Cássia Magalhães Trindade. A Trajetória de um grupo de pesquisa no programa de Pós-graduação em Educação: Currículo. **Revista E-Curriculum**, v. 2, n. 3, junho de 2007. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum> . Visitado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Breve Currículo das autoras:**

Mere Abramowicz. Professora titular do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde coordena o grupo de pesquisa em Currículo e Avaliação.

Rita de Cássia Magalhães Trindade Stano. Professora Adjunta da Universidade Federal de Itajubá. Pró-reitora Adjunta de Graduação (2004-2007). Coordenadora do Curso de Extensão da UNIFEI "Educação Continuada para a Terceira Idade". Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Currículo e Avaliação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

